

RESENHA – REVIEW – RESEÑA

A MÍDIA ALTERNATIVA POSSÍVEL NO BRASIL

THE POSSIBLE ALTERNATIVE MEDIA IN BRAZIL

LOS POSIBLES MEDIOS DE COMUNICACIÓN ALTERNATIVOS EN BRASIL

Por: **Mirian Alves do Nascimento**

Graduanda do Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
Bolsista PIBIC/CNPq - LEGH. E-mail: mirian_nascimento74@hotmail.com

WOITOWICZ, Karina Janz (org). **Recortes da mídia alternativa**: histórias e memórias da comunicação no Brasil. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. 312 p.

O livro *Recortes da mídia alternativa: histórias & memórias da comunicação no Brasil*¹ foi organizado pela professora Karina Janz Woitowicz a partir da reunião de vários escritos acerca dos temas jornalismo e comunicação que resultaram de diversas pesquisas realizadas por estudantes/pesquisadores de graduação, pós-graduação e professores de instituições de ensino superior, estaduais, federais e privadas, das regiões norte, nordeste, sudeste e sul do país.

Esta obra ocupa mais de trezentas páginas e encontra-se dividida em quatro capítulos, subdivididos em vinte e dois textos que abrangem a questão da comunicação e do jornalismo alternativo no Brasil. Para tanto, lançou-se mão do uso de fontes primárias diversas: os periódicos existentes em arquivos públicos ou privados, entrevistas, pedidos de concessão etc.. Devo alertar que graças à abrangência dos assuntos tratados neste livro, por questão de espaço, me aportarei em alguns assuntos em detrimento de outros, sem que isso caracterize desmerecimento de nenhum destes.

¹ WOITOWICZ, Karina Janz (org). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. 312 p.

Os estudos trazem amostras de formas de comunicação tais como as rádios comunitárias, os jornais, as redes de alto falantes e as chamadas mídias radicais a partir do século XIX até a atualidade. Contudo, seu maior fôlego concentra-se na segunda metade do século XX, sobretudo nas décadas de sessenta, setenta e oitenta, época que abrange especialmente os anos de chumbo, o período de abertura/anistia na ditadura militar e a fase de redemocratização. Período fértil para o surgimento de mídias alternativas como os jornais que se opunham ao regime de exceção bem como das rádios “piratas” e/ou comunitárias que se instalam a partir da década de setenta com o objetivo de se contrapor a ditadura militar e/ou organizar a comunidade em torno de seus interesses.

Diante das duras restrições de circulação das informações impostas pelo governo militar que habitualmente resultavam em censuras nos textos, autocensura, perseguições, prisões, torturas e assassinatos dos que escreviam ou estavam ligados a difusão das notícias estes não se encolheram, mas permaneceram *nas lutas pela liberdade de expressão*.² Todavia, esta obra mostra que o poder estatal nem sempre foi, nem é o único *aparelho* que impõe obstáculos à dispersão de notícias como veremos mais adiante.

Faz-se necessária para um melhor entendimento de todo trabalho, a elucidação do termo *mídia alternativa*. Para isto elegi a definição que se encontra na apresentação do livro feita pela organizadora:

[...] produção de veículos voltados a demandas e interesses sociais, que não atuam nos limites do mercado tradicional (de produção, circulação e consumo) da informação. Embora a denominação não seja consensual – uma vez que algumas expressões, como comunicação comunitária e popular, mídia radical e independente, apresentam abordagens semelhantes -, optou-se por adotar a idéia de mídia alternativa para valorizar seus modos diferenciados de produção, uma vez que a participação efetiva dos indivíduos, a explicitação das ideologias e o caráter de mobilização inerente à sua prática figuram como algumas características desta forma de comunicação.³

Vários jornais que nasceram durante este período foram criados por jornalistas que não conseguiam ter espaço na *grande imprensa* – ela apoiava o governo de forma aberta ou não – ou estavam ligados àquela, porém contribuíam com seu trabalho nestes jornais alternativos sem assinar seus textos para evitar retaliação.

² WOITOWICZ, Karina Janz. Apresentação: Por uma outra história da mídia. In: WOITOWICZ, Karina Janz (org). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. p.15.

³ Idem, p.13.

As arbitrariedades dos governos ditatoriais, dentre elas o desrespeito aos direitos humanos como seqüestro, tortura, violações e assassinatos, o modelo econômico em vigência, a defesa da democracia e o empenho pela anistia, serviram de subsídio para a criatividade explosiva dos chargistas. Estes abasteceram os jornais opositores do governo com uma crítica mordaz e eficiente transcritas em desenhos como em *O Pasquim*, com sede no Rio de Janeiro e *Pato Macho*⁴, no Rio Grande do Sul. Todavia, a grande maioria delas foi censurada.

Conhecida também por *imprensa nanica*, a imprensa alternativa abriu espaços para grupos de representação minoritária e movimentos sociais em alguns estados brasileiros. Convém citar alguns jornais expoentes dessa categoria: o carioca *Berro*⁵ - criado para colocar em pauta notícias de interesse popular. Os paulistanos *Fanfulla*⁶ - jornal dos imigrantes italianos - e o *Lampião da Esquina*⁷ - que tratava de assuntos como a homossexualidade e o prazer. O gaúcho *Tição*, cujo público alvo era o movimento negro. E em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul o ideário feminista teve amplo espaço nos jornais *Nós Mulheres*, *Brasil Mulher* e *Correio da Mulher*⁸, respectivamente, como mostra Karina Woitowicz.

Três artigos, um no primeiro capítulo e os demais no segundo capítulo, chamam a atenção por contarem a história de dois jornais, ambos sediados em Belém, no estado do Pará. O primeiro, chamado de *Resistência*, com os mesmos objetivos da ONG SDDH - Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos – criada em 1977 -, de *propagar e divulgar as bandeiras de lutas pela redemocratização do país, resistir ao autoritarismo do regime militar*⁹, e amparar através de denúncias os

⁴ STRELOW, Aline do Amaral Garcia. Jornalismo alternativo no Rio Grande do Sul. In: WOITOWICZ, Karina Janz (org). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. p.50.

⁵ GOMES, Nilo Sérgio. O Berro: memórias de um jornal popular independente. In: WOITOWICZ, Karina Janz (org). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. p.79.

⁶ ESCUDERO, Camila; TEIXEIRA, Nayara. Quando a imprensa de imigrantes de São Paulo se tornou alternativa. In: WOITOWICZ, Karina Janz (org). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. p. 227.

⁷ SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. Saindo da indiferença: construções de memórias através do discurso dos leitores do jornal *Lampião da Esquina*. In: WOITOWICZ, Karina Janz (org). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. p. 245.

⁸ Idem, p. 34-35.

⁹ FERREIRA, Paulo Roberto, Tempos de resistência. In: WOITOWICZ, Karina Janz (org). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. p. 91.

[...] que choravam a perda das terras e do ambiente de viver e produzir. Dos que foram expropriados pela barragem de Tucuruí, das lideranças de trabalhadores rurais, ameaçadas de morte, dos agentes pastorais, advogados e religiosos, que eram considerados inimigos da ditadura e de seus aliados.¹⁰

Na quinta edição deste periódico – agosto de 1978 - a Polícia Federal apreendeu todos os exemplares na gráfica, mesmo depois de ter sido revogada a censura em junho de 1978. A motivação principal foi a denúncia de tortura, realizada no Ministério do Exército em Brasília, vivida por quatro ex-militantes de esquerda. Neste episódio o editor do jornal Luiz Maklouf Carvalho foi chamado para depor e indiciado sob a Lei de Segurança Nacional. O segundo, o *Jornal Pessoal*, é assim denominado por ser fruto do trabalho diligente de um só homem. Sua pauta contempla as reportagens realizadas pelo jornalista Lúcio Flávio Pinto. Ao trabalhar com jornalismo investigativo, frequentemente se depara com casos de invasão de terra, grilagem, narcotráfico e assassinatos, fatos estes que estão costumeiramente ligados a famílias detentoras de poder político e financeiro na região amazônica. Assim, não é raro que ele sofra perseguições, violência física, ameaça de morte e processos judiciais. Em contrapartida conquistou vários prêmios internacionais de jornalismo e constatou em uma dessas circunstâncias, em 1987, que o governo federal de então não apoiava suas iniciativas de colocar todos esses crimes em *pratos limpos*:

Um aspecto curioso é que na premiação, em Roma, o governo brasileiro foi representado por um funcionário da embaixada.¹¹ “Depois vim a saber que o Itamaraty, consultado pelo embaixador, havia dito que eu não era ‘confiável’. Por isso o embaixador não foi. Fiquei contente em saber que não era confiável para o poder, mas triste como brasileiro”.¹²

Apesar de todas as dificuldades pelas quais tem passado esse jornalista, seu *Jornal Pessoal* ultrapassa duas décadas de existência.

Ainda no segundo capítulo que traz o tema *Lutas pela democratização da palavra* podemos conhecer as *trajetórias trilhadas* por diversas rádios comunitárias para permanecerem atuando em localidades carentes como o Sertão Central do Piauí, em São Luís – Maranhão e em Jataizinho – Paraná. As rádios são utilizadas para os mais diversos fins: o proselitismo religioso, o ataque a grupos políticos opositores aos que

¹⁰ Ibidem, p. 92.

¹¹ Idem. p. 144.

¹² CAROS AMIGOS. Entrevista de Lúcio Flávio Pinto a Rogério Almeida, Guilherme Carvalho e Nanani Albino, para o site da revista. 24 jul. 2004. Disponível em http://carosamigos.terra.com.br/do_site/sonosite/entrev_ago04_lucio.asp. Acesso em: 30 ago. 2004. Apud VELOSO, Maria do Socorro Furtado. O Jornalismo independente de Lúcio Flávio Pinto. In: WOITOWICZ, Karina Janz (org). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. p. 144.

“apóiam” as rádios, até ao fim que se destinam primordialmente: a interação da comunidade como utilidade pública. Segundo Sérgio Luiz Gadini¹³ as redes de alto falantes em Ponta Grossa, no estado do Paraná, preconizaram as rádios comunitárias como conhecemos hoje, pois apesar de a tecnologia empregada no seu funcionamento ter se alterado grandemente, pelos avanços no ramo eletrônico, a forma simples de articulação com o povo e seu funcionamento demonstram paralelismos.

Os meios de comunicação alternativos, que nasceram na época da ditadura, sucumbiram às crises financeiras, às perseguições políticas ou rachas de cunho político dentro dos periódicos. Majoritariamente, tinham suas receitas vinculadas, no caso dos jornais, à venda dos exemplares. Todavia, os cortes da censura feitos nas matérias desmotivavam o leitor do jornal a comprá-lo e muitos donos de bancas se negavam a vendê-los, pois tinham medo de represálias – algumas foram destruídas por venderem os tais jornais. Outro inimigo dos periódicos eram as apreensões realizadas pela Polícia Federal, nas gráficas onde *rodavam* os jornais ou nos veículos que os transportavam. As rádios eram constantemente atacadas e seus equipamentos destruídos. Os anúncios publicitários não recheavam as páginas destes jornais nem a grade de programação destas rádios como era comum nos veículos atrelados à situação política. Aliás, segundo Maria Lúcia Becker¹⁴ o governo federal foi o maior anunciante deste período.

No último capítulo, o texto “O papel inovador da mídia radical na publicização dos Movimentos de Resistência Global¹⁵”, mostra que graças ao aperfeiçoamento crescente da tecnologia nos últimos anos e o barateamento do acesso à internet os *Movimentos de Resistência Global – conhecidos como ‘antiglobalização’ e localizados no campo político*¹⁶, conseguiram empreender uma modalidade de comunicação que é chamada de mídia radical. A internet, como afirma o professor Bernardo Kucinski à Ticianne Cabral e Maria do Socorro Veloso, “é o meio por excelência para a disseminação de veículos

¹³ GADINI, Sérgio Luiz. Uma experiência da Rádio Comunitária nos anos 1940/60 em Ponta Grossa/PR: a Rede Alto Falantes como espaço de prestação de serviço público. In: WOITOWICZ, Karina Janz (org). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. p. 157 - 166.

¹⁴ BECKER, Maria Lúcia. Mídia alternativa: antiempresarial, antiindustrial, anticapitalista? In: WOITOWICZ, Karina Janz (org). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. p. 273 - 286.

¹⁵ DIAS, Renata de Souza. O papel inovador da mídia radical na publicização dos Movimentos de Resistência Global. In: WOITOWICZ, Karina Janz (org). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. p. 301 - 312.

¹⁶ *Ibidem*. p. 301.

alternativos: “Qualquer pessoa pode escrever, ter seu blog, seu site, seu jornal, seu boletim, com baixíssimo custo e altíssima penetração. É um mundo novo que se abriu”¹⁷

Esta mídia - a radical - se caracteriza pela possibilidade da democratização na divulgação de matérias jornalísticas devido a menor interferência de intermediários para a produção e divulgação de notícias captadas no mundo todo pelo seu público alvo, os ativistas.

Assim, podemos perceber que além da autocensura que sofrem as matérias difundidas pelos grandes monopólios da imprensa brasileira por conta dos interesses dos poderosos, o desejo destes é calar os que têm a persistência - como o jornalista Lúcio Flávio Pinto, citado anteriormente - de levar adiante as lutas pelo direito que o povo deve ter às notícias e à liberdade de expressão. Esta é sempre evocada pelos arautos da grande imprensa, mas nunca posta em prática por eles mesmos, pois seus conteúdos jornalísticos estão comumente atrelados a necessidade de se fazer a vontade dos anunciantes. Aliás, é oportuno lembrar o que Ed Araújo diz em “Rádios comunitárias no Maranhão: avanços e contradições na disputa de hegemonia na mídia”: “O enfrentamento do monopólio da comunicação ainda carece de muitos reforços. Instituir uma cultura democratizante na mídia é uma tarefa árdua, que passa pela superação de obstáculos na esfera do Estado, do mercado e da sociedade civil [...]”¹⁸. Para exemplificar essa situação no Brasil, podemos citar como exemplo as principais conclusões da pesquisa “A mídia impressa no Brasil e a agenda da promoção da igualdade racial - jornais e revistas (2001 – 2008)” promovida pelo Observatório Brasileiro de Mídia em parceria com o CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades:

Jornais são contra a criação de políticas que incentivem a mobilidade social dos negros brasileiros. No jornal O Estado de S. Paulo, 100% dos textos opinativos que trataram da adoção de cotas nas Universidades, foi contrário as mesmas, em O Globo, 56,5% dos editoriais, artigos e colunas que discutiu o instrumento se posicionou contra.¹⁹

¹⁷ KUCINSKI, Bernardo. Entrevista gravada, concedida à Maria do Socorro Veloso em 18 de setembro de 2007, em São Paulo (SP). Apud CABRAL, Ticianne Maria Perdigão; VELOSO Maria do Socorro Furtado. *MÉRITO - Crítica e convicção na obra do jornalista Bernardo Kucinski*. Bibliocom. Ano 1, julho e agosto de 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/bibliocom/quatro/pdf/dossie.pdf>. Acesso em: 11/mar/2010.

¹⁸ ARAÚJO, Ed Wilson Ferreira. Rádios comunitárias no Maranhão: avanços e contradições na disputa de hegemonia na mídia. In: WOITOWICZ, Karina Janz (org). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. p. 188.

¹⁹ Observatório Brasileiro de Mídia; CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades. *Relatório Final. A mídia impressa no Brasil e a agenda da promoção da igualdade racial - jornais e revistas (2001 – 2008)*. Disponível em: <http://www.sistema.observatoriodemidia.org.br/relatorio%20observatorio%20de%20midia.pdf>. Acesso em: 11/mar/2010.

Mergulhados numa realidade como a descrita no parágrafo anterior, devo acrescentar que a feitura deste livro não só é importante como oportuna. Através de exposição bem construída promove esclarecimentos de fragmentos significativos da história recente da imprensa brasileira - acerca da situação em que nos encontramos, frente aos domínios midiáticos. De leitura agradável mostra-se fruto de pesquisas realizadas com a paixão inerente ao trabalho investigativo do jornalismo bem como do historiador. Chama a atenção, nesse sentido, a sinceridade demonstrada pelo jornalista Eduardo Yuji Yamamoto ao abrir seu trabalho com a seguinte sentença: “A história desse trabalho começa com um equívoco” querendo corrigir “algumas distorções de uma pesquisa anterior”²⁰.

Convém ainda lembrar que é o acesso ao conhecimento que potencializa a nossa luta pela cidadania plena. Todavia, apesar de no Brasil existir um número bem expressivo de veículos de imprensa, ainda é pequena a produção acadêmica crítica sobre a atuação destes na sociedade como mostra o professor José Faro:

Os estudos na área da Comunicação Social ainda não produziram uma história do jornalismo brasileiro. A bibliografia a respeito do tema, além de escassa é apenas pontual, no sentido de que se restringe a momentos da produção jornalística, quase sempre desconexos com o traçado de uma possível linha de coerência entre eles ou seus possíveis momentos de ruptura. Em paralelo, também não há a elaboração de uma história da imprensa analisada do ponto de vista do desenvolvimento de sua inserção nas transformações sociais brasileiras. Nos dois sentidos, a pretensão mais ambiciosa e que tem sido referência bibliográfica obrigatória nas atividades acadêmicas da área é o livro de Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*.²¹

Concluindo, podemos afirmar que é possível enxergar um campo amplo para pesquisadores atuarem na área da comunicação social deste país, seguindo os passos dos autores mencionados neste trabalho à medida que mais e mais arquivos pessoais e públicos vão sendo disponibilizados para a consulta pública.

Resenha:

Recebido em: 24/05/2010

Aceito em: 14/06/2010

²⁰ YAMAMOTO, Eduardo Yuji. O povo conta sua mídia: a construção da Rádio Comunitária Nova Geração de Jataizinho (PR). In: WOITOWICZ, Karina Janz (org). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. p. 201.

²¹ FARO, J. José. *A imprensa brasileira e a revista realidade*. Disponível em: <www.eca.usp.br/alaic/Congreso19_99/14qt/José%20S.rtf>. Acesso em: 11/mar/2010.